

# Educação musical e contemporaneidade

## Entrevista com VIOLETA HEMSY DE GAINZA

Por **Elizabeth Carrascosa Martínez**



Foto: Frank Wolf

Violeta Hemsy de Gainza veio ao Brasil para o encontro promovido pelo FLADEM-Brasil (Fórum Latino-americano de Educação Musical) e pelo Departamento de Música da USP nos dias 11 e 12 de junho de 2010. Ela ministrou a palestra *Educação Musical e Contemporaneidade*, sobre a responsabilidade do Estado em oferecer uma educação musical de qualidade, apresentando o conceito de *nova praxis* e destacando a necessidade do uso de pedagogias abertas. No segundo dia, ministrou uma oficina sobre *A improvisação no processo de Educação musical*, refletindo sobre a importância da criatividade como ferramenta educativa, e demonstrou, com exemplos práticos, os processos que intervêm na improvisação.

"É recuperando o senso crítico e a autonomia de pensamento que poderemos escolher qual modelo de educação julgamos mais adequado".

**AAPG** - Em muitas das suas entrevistas e palestras você fala da crise generalizada que atravessa o pensamento pedagógico. Pode falar um pouco mais disso?

**Violeta Hemsy de Gainza** - Desde os anos 90 venho observando uma crise profunda e estrutural nos sistemas educativos em geral e na da educação musical em particular. Estamos assistindo a um momento de crise na educação pública, no sistema oficial, que é o lugar onde se constrói a democracia. O mundo está sendo regido pela globalização e pelo pensamento neoliberal, onde o ensino da música não é valorizado. Perderam-se os valores humanos. Esta situação precisa começar a mudar. Ela está instalada há muito tempo e por isso é considerada normal. Porém, é recuperando o senso crítico e a autonomia de pensamento que poderemos escolher qual modelo de educação julgamos mais adequado.

**AAPG** - Quais suas perspectivas para a educação musical do Brasil a partir da nova lei nº 11.769/2008, que determina a música como conteúdo obrigatório na Educação Básica?

**Violeta Hemsy de Gainza** - O panorama do Brasil vai depender da importância que o governo der ao ensino de música e como ele se articulará para garantir uma educação musical de

qualidade. Não podemos repetir os mesmos erros de sempre, como deixar a formação do professor para o último momento. O ambiente tem que se mobilizar de maneiras diversas, os vários setores da sociedade têm que se movimentar. Os professores e as instituições formais e não formais deveriam começar logo a falar de uma nova educação que esteja adequada ao terceiro milênio. E não “nova” somente porque incorpore a tecnologia, mas porque seja mais direta e eficaz. Na atualidade a educação musical está mal distribuída. Com sorte tem-se um bom professor. Mas música é assunto sério, “música mal ensinada faz mal”. Educar é tarefa do Estado, sua obrigação é garantir uma educação musical de qualidade.

Esta questão pode ser comparada a uma torre, onde no topo está a lei de educação, depois a infraestrutura (prédios, recursos materiais e humanos) seguidamente a organização, a administração (que planeja os passos para implementar a lei), e na base a formação do professorado. A base da torre é muito importante, e geralmente se comete o erro de deixá-la para o final, quando já não há mais verba. Em realidade, todo o processo desenhado na torre se faz para ensinar música. Mas que tipo de ensino queremos? É isto que precisa ficar claro. O que queremos com esse processo? Todas as coisas boas e positivas que estão acontecendo deveriam ser consideradas, visando um ensino mais democrático. Mais democrático ainda do que a inclusão social, porque isso remete à inclusão daqueles em situação de risco, das pessoas com deficiências, mas a música é um direito humano e seu acesso deve se estender absolutamente a toda a população: a aqueles que não tiveram – por diversos motivos – a oportunidade de conhecê-la mais profundamente, bem como àqueles que a amam e necessitam dela mas, devido a uma pedagogia inadequada, são considerados “não musicais”. Esta seria para nós a inclusão mais estendida e democrática.

**AAPG** - *O que é musicalidade para você?*

**Violeta Hemsy de Gainza** - A musicalidade se manifesta de infinitas maneiras. Uma pessoa musical é aquela que mostra interesse pelo som, pela escuta musical, gosta de fazer música, tocar e cantar. A aptidão musical não se herda de maneira específica. Uma pessoa considerada musical tem um mundo sonoro interno rico. O mundo sonoro interno é um banco de dados, um arquivo que construímos com a música que está ao nosso redor, a música que nossos pais cantavam para nós, a música que ouvíamos na escola etc. Este arquivo se forma desde o período pré-natal. Se os pais cantam e estão em contato com a música, ela está sendo valorizada, isso favorece o processo de absorção pela criança, bem como o aumento do seu “capital musical”. Este conceito modifica o significado de aptidão musical.

**AAPG** - *Que aspectos você considera importantes na formação do professorado de música?*

**Violeta Hemsy de Gainza** - É imprescindível que as universidades se conscientizem da importância na formação dos professores de educação musical. Que abram a sua visão para considerar quais são as ferramentas que eles precisam. Hoje em dia devem considerar não só o pensamento pedagógico desde um ponto de vista “científico”, temos que tirar o estereótipo da



Foto: Frank Wolf

"Uma pessoa musical é aquela que mostra interesse pelo som, ela escuta musical, gosta de fazer música, tocar e cantar. A aptidão musical não se herda de maneira específica".

educação, fazer uma "limpeza" – e limpar quer dizer abrir, considerar os aspectos profundos da educação, com relação a nossas próprias necessidades e potencialidades, e fomentar entre os professores e os estudantes o pensamento crítico. Para isso, o sistema tem que se autoavaliar. E, se o sistema não se autoavalia, que o avaliem os de fora, pessoas que não têm compromisso com o modelo. Os pesquisadores, as pessoas que estão se formando em educação, deveriam realizar pesquisas sobre o modelo educativo atual. Se o modelo não funciona, não adianta fazer pequenas mudanças, tem que mudar a alma, o núcleo da educação. Devemos pensar a educação musical de acordo com as necessidades de nosso povo, não baseada em modelos externos. Por isso acredito na necessidade de construir uma nova *práxis*... uma *práxis* consciente, sensível e inteligente.

**AAPG** - Explique um pouco mais sobre o conceito de nova *práxis*.

**Violeta Hemsy de Gainza** - A nova *práxis* educativa é "fazer" e ao mesmo tempo "saber o que se está fazendo". Ou seja, "fazer" de maneira consciente. O que se procura integrar na nova *práxis* é recuperar os diversos tipos de consciência dos quais já falava Edgar Willems<sup>1</sup>. A nova *práxis* integra todos os aspectos do fazer musical. Não interessa só o que está acontecendo no cérebro, mas o que se passa no corpo como um todo, isso é integração. A nova *práxis* (uma das metas do FLADEM) defende pedagogias musicais mais humanas, flexíveis e abertas onde a *práxis* deve estar integrada: Fazer-Sentir-Pensar. Este processo ajuda na compreensão de que estamos fazendo.

**AAPG** - Qual seria o modelo de curriculum condizente com a nova *práxis*, dados os novos modelos de curriculum e da aprendizagem por competências?

**Violeta Hemsy de Gainza** - Os modelos curriculares lineares oferecem um ensino fragmentado. Em contraposição, o modelo artístico parte da ação, da prática, do fazer musical. Os processos musicais vão do global ao particular. A música se apreende fazendo música. Então, o ensino por projetos, se eles estão bem formulados e articulados, e se são adequados aos alunos, se encadeiam sozinhos, da mesma maneira como os neurônios se encadeiam no cérebro através das suas sinapses.

À medida que passamos da etapa de iniciação musical, existem muitas maneiras para integrar o conhecimento com as experiências musicais que o aluno tem e traz para a sala de aula. É muito importante que o professor integre esses conhecimentos e experiências musicais prévias dos seus alunos, bem como suas necessidades e expectativas. Uma das maneiras de fazer isso é através da improvisação como técnica de participação e aprendizagem. A criatividade é uma parte muito importante da educação musical. O ensino profissional da música nos conservatórios e nas academias de música se baseiam, geralmente, na repetição e na imitação. O conceito da criatividade é uma característica geral da educação moderna. Porém, a criatividade não consiste só em dar liberdade para improvisar ou compor, é um processo maior, e que os professores deveriam explorar mais.

<sup>1</sup> Edgar Willems (1890-1978), pedagogo musical belga discípulo de Jaques-Dalcroze, desenvolveu o seu próprio método de educação musical para crianças.

**AAPG** - *O que você acha da dicotomia entre música erudita e música popular? Qual é a música que deve ser ensinada para recuperar a identidade cultural que se está perdendo por causa da globalização?*

**Violeta Hemsy de Gainza** - A música é uma só, o que importa é a qualidade, a profundidade da música. A música comercial tem muita divulgação, e pouco a pouco os outros tipos de música vão sendo deixados de lado. Se não houvesse toda essa propaganda e a escola cumprisse sua tarefa, voltasse a ter importância, voz e voto, então essa diferença não seria tão grande.

Neste momento a música comercial é a que se impõe, inclusive sobre artistas que não são "comerciais". Os artistas de música popular "não comerciais" não têm a aceitação, a promoção nem tampouco a plateia dos artistas comerciais. Então isso significa que o problema não é entre música erudita e popular. Além disso, hoje em dia, em qualquer instituição de ensino de música erudita tem que se incluir a música popular. Isso já acontecia na Juilliard School (Nova York) nas décadas de 50 e 60. Apesar de existirem escolas especializadas em música popular, o ensino básico da linguagem popular não é específico dessas escolas.

**AAPG** - *O que você recomendaria aos jovens educadores que estão se formando?*

**Violeta Hemsy de Gainza** - Recuperar o pensamento crítico e o discernimento do que é bom e do que não é em termos de educação. Os jovens educadores devem começar a pensar, a ler, a debater, a refletir sobre as causas da crise, as necessidades, os obstáculos, para superar esta conjuntura pedagógica. Meu conselho para eles é trabalhar. Não se cansem, continuem trabalhando, dividindo as experiências e mostrando, através da música, a importância que ela tem.